



Galeria das Moldagens - MNBA. Década de 2020

ACERVO ESTRANGEIRO DO MNBA-RJ: UMA PONTE ENTRE CULTURAS E ÉPOCAS

ZUZANA PATERNOSTRO – ABCA/RJ
BARBARA BANDINI
ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA

RESUMO: O acervo estrangeiro do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) destaca-se como um dos mais significativos do Brasil, reunindo obras originárias de esforços conjuntos de doadores, colecionadores e aquisições governamentais estratégicas. Sua formação reflete uma história de altruísmo e compromisso cultural, permitindo ao público brasileiro acesso direto a tradições artísticas globais e promovendo o diálogo entre culturas e épocas. Esse legado reafirma o papel do MNBA na democratização da arte, oferecendo uma experiência única de contemplação e aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Museu Nacional de Belas Artes, acervo, aquisição, doação, técnica e estética.

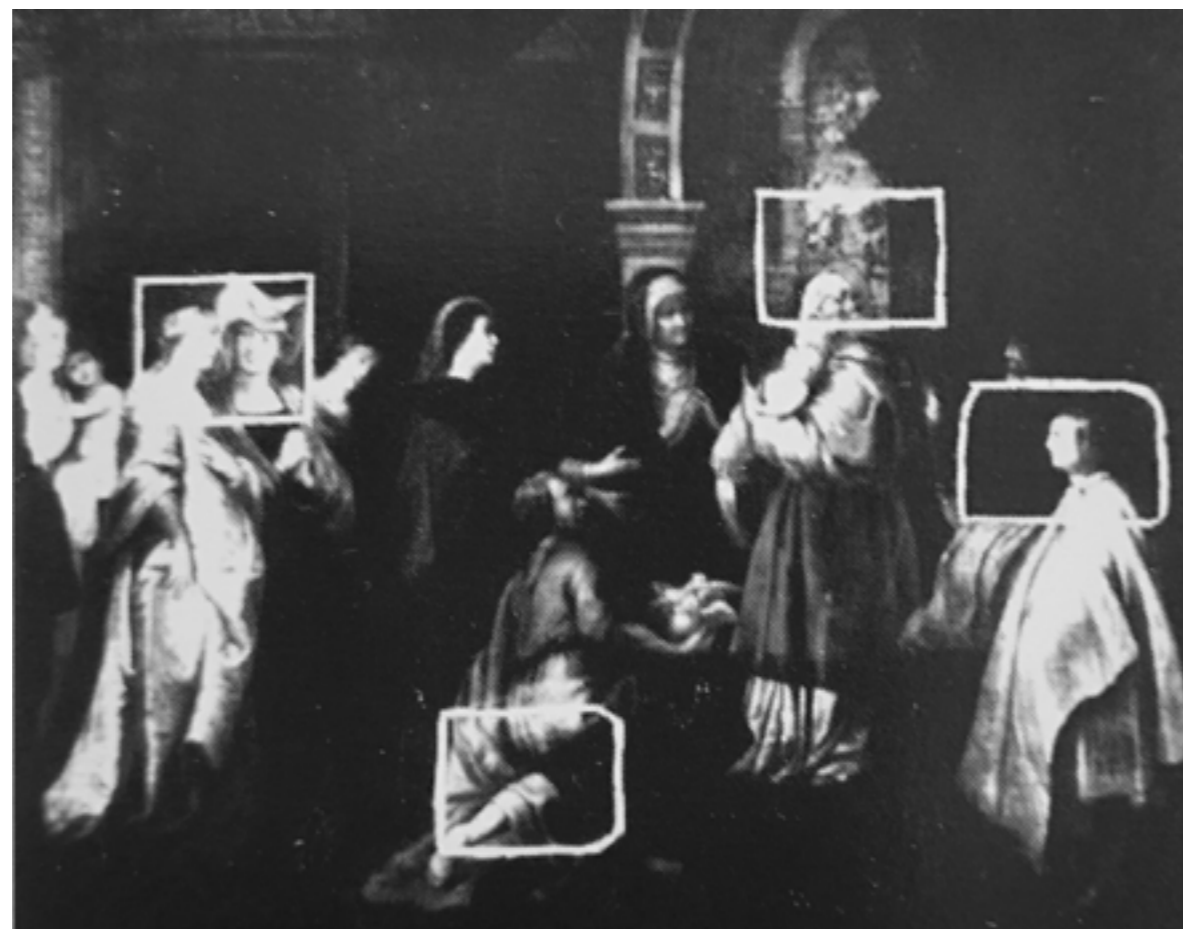
ABSTRACT: *The foreign collection of the Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) stands out as one of the most significant in Brazil, bringing together works originating from joint efforts of donors, collectors, and strategic government acquisitions. Its formation reflects a history of altruism and cultural commitment, providing the Brazilian public with direct access to global artistic traditions and fostering dialogue between cultures and eras. This legacy reaffirms the MNBA's role in the democratization of art, offering a unique experience of contemplation and learning.*

KEYWORDS: Museu Nacional de Belas Artes, collection, acquisition, donation, technique, aesthetics.

Notável pela riqueza de suas obras e pela trajetória de sua formação, o acervo estrangeiro de pinturas do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) destaca-se como uma das coleções artísticas mais significativas do Brasil. Sua constituição reflete a convergência de esforços que envolveram doações de colecionadores particulares, comprometidos com a salvaguarda da arte, contribuições de indivíduos movidos por um profundo senso de preservação cultural e aquisições governamentais realizadas em momentos estratégicos. Cada uma dessas ações, marcadas pelo gesto de colaboração e generosidade, revela não apenas o imensurável valor artístico do acervo, mas também o impacto da união de diferentes agentes na construção de um patrimônio cultural nacional que é, ao mesmo tempo, universal.

Originariamente como uma galeria de artes servindo a uma escola de aprendizagem artística, sua história remonta ao pioneirismo do Museu das Belas Artes na Basileia (Suíça), pois ambos possuem, desde

o seu surgimento, o caráter de estarem à disposição do público¹. Desde o início, essas instituições abriram suas portas para visitaçã, inaugurando um novo capítulo na democratização da arte.



Obra de flamengo Willem Van Herp (1614-1677). *Apresentação de Jesus no templo*. Interferências em função de restauração da obra. Foto da autora.

DIÁLOGO ENTRE DIFERENTES TEMPOS E TRADIÇÕES

Excepcional por possibilitar o contato direto com tradições artísticas do modelo europeu vigente



Exposição *Janela de Inspeção* uma mostra realizada em 2005 mediando ao público protocolos de recuperação de obras do acervo de MNBA. Foto da autora.

na época, o acervo estrangeiro do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) facilita o acesso ao legado artístico de diferentes épocas e regiões. Cada obra, preservada em território brasileiro, encapsula traços únicos de seu contexto cultural, social e estético, refletindo os gostos, estilos e técnicas predominantes no período de sua criação.

Esse acervo oferece ao público a oportunidade singular de contemplar peças que, de outra forma, estariam dispersas e inacessíveis, muitas vezes em países distantes. Ao reunir essas obras em um só espaço, o MNBA promove uma conexão enriquecedora entre o espectador e a história da arte ocidental, permitindo que os visitantes vivenciem, sem barreiras,

o diálogo entre diferentes tempos e tradições.

EXALTANDO A CRIATIVIDADE HUMANA E PROPORCIONANDO MOMENTOS DE CONTEMPLAÇÃO, APRENDIZADO E CELEBRAÇÃO DA ARTE COMO UM LEGADO COLETIVO DA HUMANIDADE

Insubstituíveis pela sua materialidade, as pinturas do acervo estrangeiro do Museu Nacional de Belas Artes oferecem uma experiência estética que transcende o mero ato de observação. Cada pincelada, textura e tonalidade original conduz o público a um encontro direto com o objeto artístico, revelando detalhes e sutilezas que nenhuma outra reprodução mecânica, por mais sofisticada que seja, seria capaz de transmitir. Ao estar diante de uma obra criada há séculos, os visitantes experimentam um diálogo silencioso com o passado, em que a presença viva do artista se manifesta através de sua composição, que contém suas técnicas, suas



Historiadora e crítica Zuzana Paternostro na Reserva Técnica do MNBBA em 2022. Foto: Arquivo/Divulgação/MNBA.

escolhas de cor e luz, que, juntas, capturam a essência de sua criação.

As obras não apenas carregam a história de sua época e lugar, mas também convidam o público a

apropriar-se simbolicamente delas, vivenciando o impacto emocional e intelectual que só a Arte preservada pode oferecer. Essa fruição, única e transformadora, reafirma o papel do

MNBA como guardião de um patrimônio que transcende fronteiras. Observar pinturas originais presencialmente oferece uma experiência única que, muitas vezes, passa despercebida: a possibilidade de testemunhar a ação do tempo sobre a mesma obra. Contemplar uma pintura numa determinada época e revê-la tempos depois, com um olhar mais experiente e refinado, revela as marcas do tempo em sua superfície – as rachaduras, o craquelado, o escurecimento do verniz e outros sinais que contam uma história além da própria imagem. Esses detalhes, visíveis apenas na materialidade da obra, tornam-se parte integrante de sua narrativa e aprofundam a conexão entre o espectador e o objeto artístico.

CADA QUADRO SE TRANSFORMA EM UMA VERDADEIRA FONTE DE MENSAGENS, REPLETA DE CAMADAS HISTÓRICAS E TÉCNICAS, OFERECENDO INFINITAS POSSIBILIDADES DE ESTUDO

O avanço constante da tecnologia, impulsionado pela ciência, permite

descobertas antes inimagináveis sobre pinturas antigas, oferecendo novas possibilidades de interpretação para obras já conhecidas. É possível identificar alterações na composição original, correções feitas ao longo do trabalho ou até acréscimos realizados posteriormente. Assim, constituem uma fonte quase inesgotável de conhecimento e fruição estética.

Cada pintura carrega consigo a memória de épocas distantes, permitindo ao público brasileiro acesso direto às tradições artísticas de diversas partes do mundo, incorporando-as à sua própria perspectiva cultural e histórica. A presença desse acervo em um museu brasileiro não apenas democratiza o acesso à fruição estética, eliminando barreiras geográficas e econômicas, mas também cria um ponto de encontro entre o indivíduo e a universalidade da arte.

Contemplar essas obras é vivenciar a conexão entre realidades distantes no tempo e no espaço, enriquecendo o olhar estético e ampliando a compreensão histórica. Por meio delas, o público tem a oportunidade



Doutora Zuzana argumentando com evidências sobre autoria da obra. No caso, uma das “inexistentes” ou perdidas da coleção *Le Breton*. 2022. Foto: Arquivo/Divulgação/MNBA.

de se apropriar simbolicamente de uma herança compartilhada pela humanidade, celebrando a arte como um patrimônio coletivo que transcende fronteiras. Preservar e

valorizar esse acervo é, portanto, garantir que ele permaneça acessível às gerações futuras, perpetuando seu papel como um elo essencial entre o passado e o presente.

A IMPORTÂNCIA DAS DOAÇÕES, UM ACERVO DA SOCIEDADE PARA A SOCIEDADE

Fundamentais para a constituição do núcleo inicial do acervo do Museu Nacional de Belas Artes, as doações de colecionadores foram atos de grande generosidade e visão cultural. Movidos por uma profunda paixão pela Arte e por um senso apurado de responsabilidade com o patrimônio, esses colecionadores garantiram que obras de relevante valor histórico e estético fossem preservadas em território brasileiro.

Suas contribuições não apenas asseguraram a conservação de pinturas provenientes de diferentes origens e períodos, mas também ampliaram o alcance cultural do MNBA, permitindo ao público brasileiro o contato direto com tradições artísticas globais. Esse gesto, ao mesmo tempo altruísta e estratégico, enriqueceu de forma inestimável o acesso democrático à arte, transformando o museu em um espaço de celebração e aprendizado que conecta o Brasil ao legado artístico universal. Seguem alguns exemplos:

- COLEÇÃO REAL, o princípio do acervo do MNBA. Veio ao Brasil com D. João VI, ainda Príncipe-Regente em 1808. Nesta ocasião, trouxe de Portugal coleções de quadros, esculturas,



Vista do prédio do MNBA. Foto: Arquivo do MNBA.

arte decorativa e mobiliário dos palácios reais (Palácio da Ajuda e Convento de Mafra). As mesmas foram deixadas quase na íntegra quando D. João retornou para Portugal em 1821.



Salão Barroco Italiano, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. 2004. Foto: Zuzana Paternostro.

- JOAQUIM LEBRETON, historiador e crítico de arte francês (1760-1819). Exerceu cargos na administração cultural francesa, um deles no Museu do Louvre. Em 1816, veio ao Brasil com outros artistas a fim de implementarem o ensino acadêmico de Arte no Rio de Janeiro. Esta coleção, exposta na Academia Imperial de Belas Artes, constituiu

a primeira galeria pública de arte, pioneira na América do Sul.

- JOSÉ RIBEIRO DA SILVA, um dos importantes diplomatas brasileiros ativos em meados do século XIX. Iniciou sua carreira profissional em 1840, sendo adido da Missão Cayrú que negociou o casamento de D. Pedro

II. Encontramos no catálogo *Notícias da Academia Imperial de Belas Artes*, de 1860, referência sua como doador de quatro obras de Debret². Terminou sua carreira designado como Ministro Plenipotenciário do Brasil em São Petersburgo, em 1874.

- LUIZ DE REZENDE era joalheiro e possuía mina de diamantes em Diamantina (MG). Morava no Rio de Janeiro, mantendo residência também em Paris, onde passava longas temporadas visitando exposições e leilões de arte. Considerado como pessoa culta e generosa, sua loja se tornou ponto de encontro de políticos com artistas da época.
- SALVADOR DE MENDONÇA (1841-1913). Professor de história, jornalista, diplomata e embaixador do Brasil em Washington D.C. (de 1875 a 1898). Bibliófilo, em 1896 fez uma doação de mais de 3.000 volumes de livros e obras raras à Biblioteca Nacional. Amigo de muitos artistas brasileiros, tais como o músico e compositor erudito Carlos Gomes e o pintor Pedro Américo, ainda

foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL).

- BARÃO DE SÃO JOAQUIM, José Francisco Bernardes (1836-1916). De origem nobre, casou-se pela segunda vez (1869) com sua prima - o que exerceu uma influência decisiva no seu interesse em colecionar arte. Considerados como “barões do café”, aristocratas convictos, acompanharam o Imperador D. Pedro II ao exílio (1889), retornando para o Brasil somente após sua morte.
- CONDE FRANCISCO DE FIGUEIREDO (1843-1917). Recebeu o título de Conde em 1889. Contraiu segundas núpcias em 1891 ao se casar com a paraense Dona Inês Lhermont. Sua permanência na França naquele ano e a compra de inúmeros quadros nas exposições de Paris talvez fossem consequência deste seu segundo casamento.
- DJALMA DA FONSECA HERMES (1884-1978) foi um dos primeiros colecionadores voltados para a Arte brasileira e para os assuntos de *Brasiliana*. Em 1922, doou ao museu a primeira obra de

Frans Post do acervo. A obra foi furtada na década de 1930, mas o doador acabou encontrando-a numa loja de antiguidades no exterior: comprou-a para restituí-la ao museu.

- LUÍS FERNANDES foi homem culto e viajado. De origem baiana (Salvador), completou sua educação em Lisboa (Portugal). Detentor de valiosos bens materiais, visitou diversos países e seus maiores museus de arte. Foi ainda presidente do grupo Amigos do Museu de Arte Antiga, na Bahia.
- BARONESA DE SÃO JOAQUIM (1849-1929). Exerceu influência decisiva após a morte do marido ao solicitar o transporte de todas as obras que haviam sido doadas, diretamente da cidade portuária de Le Havre (França) para a Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Dotadas de um significado especial, as doações realizadas por indivíduos ao Museu Nacional de Belas Artes são gestos que transcendem o altruísmo, refletindo um profundo compromisso com a preservação e a valorização

cultural. Essas contribuições não apenas asseguram a memória artística, mas demonstram uma visão de longo prazo que visa garantir que esses tesouros permaneçam acessíveis às gerações futuras.

Cada doação é, em essência, um ato de confiança no papel do MNBA como guardião de um patrimônio coletivo que educa, inspira e conecta. A generosidade desses indivíduos é uma parte essencial da história do museu, reafirmando sua missão de preservar e compartilhar a riqueza cultural da humanidade com o público de hoje e de amanhã.

AQUISIÇÃO DE OBRAS DE ARTE – ATUAÇÃO ESTATAL EM MOMENTOS ESTRATÉGICOS DE COMPRA

As aquisições realizadas pelo governo desempenharam um papel crucial no fortalecimento do acervo do Museu Nacional de Belas Artes, garantindo que obras de grande importância histórica e cultural fossem preservadas em território brasileiro. Através de políticas voltadas para a

valorização da Cultura e da Arte, essas iniciativas asseguraram que peças fundamentais fossem incorporadas ao museu, impedindo sua dispersão para coleções privadas no exterior.

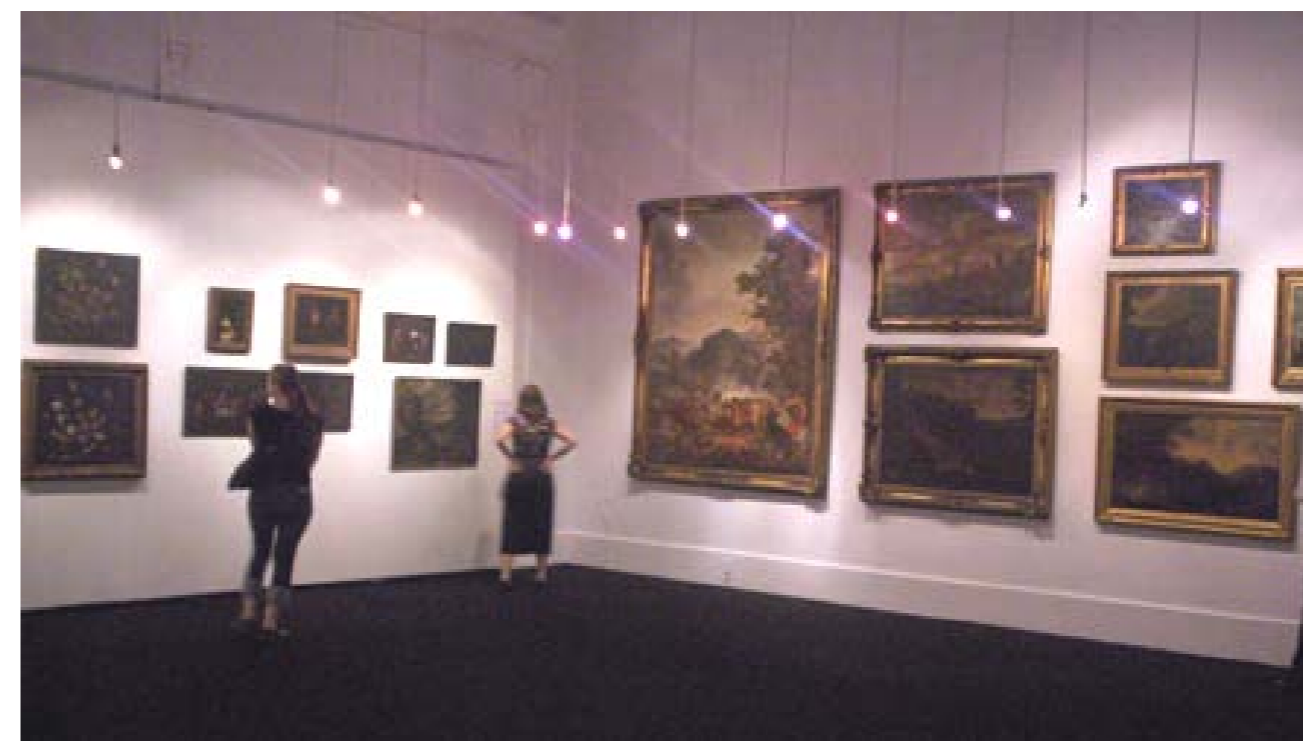
Essa atuação estatal não apenas reflete um compromisso com a preservação da memória artística global, mas também reforça o caráter

público e democrático do atual MNBA, consolidando-o como um espaço acessível a todos e um guardião do patrimônio coletivo da humanidade. Grandes aquisições chegaram a ser realizadas pelo Império, como a compra das coleções Cesare Lanciani, em 1860, e a Angelo Antonio Rosea, em 1874, cujas obras destacam,

majoritariamente, a origem italiana antiga e de valor excepcional. Como exemplo, pode-se citar as obras dos artistas G. B. Castiglione (1609-1664), da coleção Cesare Lanciani e do artista G. B. Gaulli chamado Baciccia (1639-1709) e de G. B. Tiepolo (1696-1770), ambos da coleção Angelo Antonio Rosea ³.

No final do século XIX, iniciou-se um interesse pela arte ibérica, precisamente a portuguesa, a partir de 1894, quando foi comprado o primeiro quadro português, *Le Rendez-Vous*, de J. J. de Souza Pinto (1856-1939). Nos anos seguintes, 1902, 1906 e 1908, houve exposições de arte portuguesa realizadas na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Nessa ocasião, foram adquiridas obras de artistas como R. B. P. Columbano (1857-1929), E. Condeixa (1857-1933), M. H. Pinto (1852-1912) e José V. Malhoa (1855-1933), destacando-se sua impressionista pintura *A Courar a Roupa*.

Arte espanhola foi também objeto de atenção da elite cultural e



Apreciação de obras pelo público em exposição no MNBA, Rio de Janeiro. 2004. Foto: Zuzana Paternostro.

atraiu recursos financeiros para sua respectiva aquisição. As exposições organizadas por José Pinelo Llull (1861-1922), entre 1910 e 1913, tinham como objetivo promover e comercializar a obra de artistas espanhóis da época. Llull, além de artista, desempenhou papel de intermediário nas aquisições para instituições como a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e a Pinacoteca do Estado de São Paulo. Essas iniciativas consolidaram a presença da arte espanhola no Brasil, embora os critérios de seleção dos artistas promovidos por Llull⁴, continuem desconhecidos. A figura de Djalma da Fonseca Hermes reaparece em 1941, quando o colecionador leiloou suas obras. O governo e o museu entraram em uma oportuna ação, adquirindo algumas obras para o acervo⁵.

A valorização das origens desse acervo ressalta a importância de um esforço coletivo e contínuo na preservação cultural. Ao reunir essas obras, o Museu Nacional de Belas Artes não apenas promove a contemplação estética e o aprendizado histórico, mas também celebra a trajetória das

pessoas e instituições que tornaram possível a formação de um dos mais ricos e permanentes acervos artísticos do Brasil pertencente ao poder público.

Esse legado, que reflete tanto altruísmo quanto visão cultural, continua a inspirar a valorização e a proteção da Arte como um bem universal, reafirmando o papel fundamental do MNBA na preservação e difusão do patrimônio artístico global.

Nosso magnífico acervo, concebido tanto como fonte de estudo para futuros pintores quanto como tesouro acessível ao público, vê sua essência comprometida ao permanecer longos anos enclausurado e inacessível devido às intermináveis reformas no Museu. Cada dia de portas fechadas é uma perda irreparável para a Cultura, privando gerações de um encontro transformador com a Arte. É urgente que se cobre dos governantes a reabertura do Museu, devolvendo à sociedade o acesso a esse patrimônio inestimável – que inspira, educa e conecta o Brasil ao legado artístico universal.

Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2024.

NOTAS

1 Originário do século XVII com a aquisição do Gabinete Amerbach, proveniente de um colecionador de cunho humanista. Basileia é, assim, a primeira cidade suíça a possuir uma coleção de arte muito antes que tais fossem abertas ao público em outras cidades europeias.

2 Estas quatro obras de Debret eram esboços para futuras composições de estilo neoclássicas, de capital importância para registrar momentos históricos do Brasil.

3 Para mais informações, consultar MARQUES, Luiz; PATERNOSTRO, Zuzana. *Corpus da Arte Italiana em Coleções Brasileiras, 1250 - 1950*. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1996. Particularmente o capítulo “Fontes Históricas das Coleções”, pp. 100-104. Esquematizado pela arquivista Zulmira Poppe.

4 Pela lista de preços das exposições de Pinelo Llull, de 1910 e 1913, confere-se que teria sido possível a aquisição de dois desenhos de Francisco J. de Goya Y. Lucientes (1746-1828) por um preço inferior ao de um quadro

de óleo de José Moreno Y. Carbónero, que acabou sendo adquirido.

5 Balizado pela então direção do MNBA, Oswaldo Teixeira, para aquisição das obras. Pesquisar no arquivo do MNBA.

ZUZANA PATERNOSTRO

PhD em História da Arte, apresenta sólida carreira nas áreas de curadoria, história, teoria e crítica de arte. Concluindo mestrado e doutorado na Faculdade de Filosofia da Universidade de Jan Amos Komensky, em Bratislava (Tchecoslováquia, 1975), foi Curadora-Chefe da Coleção de Pintura Estrangeira no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (1982-2006) e destacou-se como especialista em pintura europeia antiga. É membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte; da Associação Internacional de Críticos de Arte; do Conselho Regional de Museologia no Brasil; do Conselho Internacional de Museus; e membro e patrono do Conselho Internacional de Curadores de Arte Flamengo e Holandesa.

BARBARA BANDINI [COAUTORA]

Bacharel e licenciada em Artes Visuais pela UERJ. Recebeu o IX Prêmio de Extensão Professora Maria Theresinha do Prado Valladares - 2019. Foi curadora na revista independente *Toró Editorial* (@toroeditorial). Atualmente é professora de Artes no Município de São João de Meriti e cursa Português/Japonês na UERJ.